



TRANSCULTURA, UM ESPAÇO DA CULTURA UNDERGROUND NA MÍDIA HEGEMÔNICA NA ERA DAS REDES

Transcultura, un espacio de la cultura underground en los medios hegemónicos en la era de las redes

Transcultura, a place for the underground culture at the hegemonic media in the age of social networks

Pamela Passos Mascarenhas¹
Larissa de Moraes Ribeiro Mendes^{2, 3}

RESUMO

Num cenário de fortes mudanças nas formas de produção, consumo e difusão da arte e da cultura, este trabalho se propõe a analisar a página Transcultura, veiculada às sextas-feiras no Segundo Caderno do jornal *O Globo* entre 2010 e 2015. O espaço foi criado com o objetivo de contemplar produções e manifestações culturais e artísticas alternativas, muitas vezes relacionadas à cultura digital, que costumavam ficar fora dos cadernos culturais diários de jornais tradicionais. A página, considerada uma sucessora do Rio Fanzine, tabloide semanal sobre cultura alternativa que circulou de 1986 a 2010, permite refletir sobre até que ponto uma proposta de jornalismo contra-hegemônico pode se concretizar dentro de um jornal hegemônico.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo cultural; cultura alternativa; *O Globo*; Segundo Caderno; Transcultura.

¹ Graduada em Jornalismo e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: pamelamascarenhas32@gmail.com.

² Doutora em Comunicação Social pela UFF, professora do curso de Jornalismo e do programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano da UFF. E-mail: larissamorais@uol.com.br.

³ Endereço de contato das autoras (por correio): Universidade Federal Fluminense (UFF). Rua Lara Vilella, 126 – Coordenação do curso de Jornalismo da UFF. Ingá, Niterói, RJ. CEP 24210-590.

ABSTRACT

In a scenario of strong changes in the forms of production, consumption and diffusion of art and culture, this work proposes to analyze the page Transcultura, published on Fridays in the Second Notebook of the newspaper *O Globo* between 2010 and 2015. The space was created with the aim of contemplating alternative cultural and artistic productions and manifestations, often related to the digital culture, that are usually outside the daily cultural notebooks of traditional newspapers. Considered a successor of the Rio Fanzine, a weekly tabloid on alternative culture that circulated from 1986 to 2010, the page allows to reflect on the extent to which a proposal for counter-hegemonic journalism can be realized within a hegemonic newspaper.

KEYWORDS: Cultural journalism; alternative culture; *O Globo* (newspaper); Segundo Caderno; Transcultura

RESUMEN

En un escenario de fuertes cambios en las formas de producción, consumo y difusión del arte y de la cultura, este trabajo se propone analizar la página Transcultura, transmitida los viernes en el Segundo Caderno del periódico *O Globo* entre 2010 y 2015. El espacio fue creado con el objetivo de contemplar producciones y manifestaciones culturales y artísticas alternativas, muchas veces relacionadas a la cultura digital, que suelen quedarse fuera de los cuadernos culturales diarios de periódicos tradicionales. Considerada una sucesora del Río Fanzine, tabloide semanal sobre cultura alternativa que circuló de 1986 a 2010, la página permite reflexionar sobre hasta qué punto una propuesta de periodismo contrahegemónico puede concretarse dentro de un periódico hegemónico.

PALABRAS CLAVE: Periodismo cultural; cultura alternativa; *O Globo* (periódico); Segundo Caderno; Transcultura.

Recebido em: 12.11.2017. Aceito em: 17.12.2017. Publicado em: 02.01.2018.

Introdução

Historicamente, o jornalismo cultural nos cadernos diários dos jornais impressos brasileiros se desenvolveu à mercê dos interesses da chamada indústria cultural⁴. Devido a fatores como a pressão das rotinas produtivas e a sujeição a interesses comerciais, entre outros, o noticiário das editorias de Cultura é quase sempre pouco rico e plural, além de influenciado pelos enfoques pré-fabricados oferecidos pelas assessorias de imprensa.

O rápido desenvolvimento das novas tecnologias de informação e da comunicação (TICs) da segunda metade dos anos 1990 para cá não chegou a desfazer essa lógica, mas interferiu positivamente no cenário. Ampliaram-se as possibilidades de produção artística e, ainda mais, de disseminação desta produção por diferentes espaços da

internet. O número de artistas independentes se multiplicou e eles passaram a depender menos das vias tradicionais de divulgação para aparecer no cenário cultural. Por meio de espaços alternativos como Youtube, Facebook, Twitter e Instagram, além de plataformas de streaming como o Spotify, é possível expor trabalhos e atrair a atenção do público. Na música, por exemplo, bandas despontaram internacionalmente na década passada sem depender da ajuda de grandes gravadoras, por meio de redes sociais específicas, por exemplo, como o MySpace, que caiu em desuso mas serviu para projetar bandas como a inglesa ArcticMonkeys e, para citar um caso brasileiro, a cantora Mallu Magalhães.

Nesse contexto, grandes empresas jornalísticas se viram impelidas a mudanças. Se fazia necessário acompanhar as novas influências no meio cultural e artístico para continuar a ter voz no campo cultural. Este foi o cenário de criação da Transcultura, página

⁴ Entendemos indústria cultural no sentido usado por Adorno e Horkheimer (1985) para designar a situação da arte na sociedade capitalista industrial – sujeita aos interesses da sociedade capitalista e, portanto, profundamente afetada em autonomia e poder crítico

veiculada às sextas-feiras no jornal *O Globo* entre 2010 e 2015, com linguagem e pauta diferenciadas. A marca, de acordo com seu ex-colaborador Bruno Natal (2013)⁵, era “lidar com a cultura sob um ponto de vista atual, levando em conta as novas influências físicas e virtuais”. Este trabalho se propõe a uma reflexão sobre até que ponto a Transcultura, estando atrelada a um veículo hegemônico, conseguiu concretizar a proposta de produzir um jornalismo cultural mais independente, plural e analítico nesse quadro de mudanças.

Sobre o Jornalismo Cultural

Para Rivera (1995, p. 11), o melhor Jornalismo Cultural é aquele que reflete lealmente as problemáticas globais da sua época, satisfaz demandas sociais concretas e interpreta de forma dinâmica as potências criativas do homem e da sociedade. Não é o que se vê no dia a dia dos cadernos culturais dos principais jornais, em suas versões online e

⁵ Bruno Natal foi entrevistado via e-mail em jul. 2013; na época era colaborador da Transcultura.

impressas. Além da forte influência das assessorias de imprensa, Segura, Golin&Alzamora (2008) detectam problemas como a priorização dos chamados acontecimentos planejados, em detrimento do inesperado, baixo grau de complexidade no conteúdo e pouco esforço de apuração.

Já Pizza (2009) critica o modo de organização das notícias – semelhante ao utilizado nas demais editoriais, com estrutura a partir de um lead e baixa valorização da interpretação dos acontecimentos. Outro problema, segundo Tubau (1982), está relacionado à própria noção de cultura nos cadernos sobre o assunto. É tido como cultura, nesses espaços, apenas o que tem vocação para virar notícia, a partir da linha editorial do veículo e das preferências do seu público. A notícia, por sua vez, está associada ao factual. Se enquadra num caderno de Cultura, por exemplo, um espetáculo que está ou vai entrar em cartaz, um livro que virou *bestseller* ou que era muito aguardado, ou um filme que acaba ir para as telas de

cinema. Avaliação de tendências, peculiaridades de determinada comunidade ou processos políticos que levaram a certa manifestação artística são facilmente descartados da pauta.

Para Segura, Golin e Alzamora (2008), não se pode afirmar, contudo, que a perspectiva mercadológica da notícia cultural configure o Jornalismo Cultural como um todo. Embora esta seja a perspectiva predominante no jornalismo diário, a história do Jornalismo Cultural conta com capítulos de abertura a questões e narrativas pouco usuais.

Do Rio Fanzine à Transcultura

O Rio Fanzine foi criado em 1986 no jornal *O Globo*, pela jornalista Ana Maria Bahiana, com inspiração nos fanzines⁶ ingleses e norte-americanos. O conteúdo era produzido pela própria Bahiana (até 1987), com Carlos Albuquerque e Tom Leão como colaboradores.

⁶ Revistas para fãs, especialmente de ficção científica, música, cinema, videogame e quadrinhos. A palavra nasceu da união das palavras inglesas fan e magazine.

Segundo Albuquerque e Leão (2004), o espaço nasceu como uma coluna e passou por diversos formatos, sem nunca ter modificado o objetivo de levar para o caderno de cultura de um grande jornal diário informações sobre cultura alternativa, o underground. O Rio Fanzine surgiu, ainda segundo a dupla, não para brigar com o que chamam de “a pauta nossa de cada dia” – os inevitáveis lançamentos de discos, estreias de peças, shows, etc. – mas para ressaltar o chamado lado B, muitas vezes subestimado, e que também mereceria atenção.

Na época em que começou a colaborar com a coluna de Ana Maria Bahiana, Tom Leão não tinha concluído o ciclo escolar. Carlos Albuquerque, por sua vez, era um estudante de Biologia Marinha. Em 1987, quando Bahiana foi morar com o marido nos Estados Unidos, deixou o espaço sob responsabilidade dos dois, com permissão da direção do jornal. Eles assumiram o trabalho como *freelancers* do *O Globo* e iam à redação uma ou duas vezes na semana.

Os diferentes gostos dos dois garantiam uma diversidade interessante à coluna. Enquanto Carlos Albuquerque se interessava por assuntos ligados ao surf, reggae, black, funk e soul, Tom Leão gostava mais do cenário gótico, punk, eletrônico e do skate. Os dois relatam que tinham total liberdade editorial quanto a pautas, fotos e diagramação. Na metade dos anos 1990, uma pesquisa da equipe de Marketing do jornal mostrou que boa parte do público entre 15 e 30 anos só comprava *O Globo* de domingo por causa do Rio Fanzine. A coluna, então, ganhou chamadas na TV e no rádio, e investiu em promoções.

Em 2001, com a crise econômica desencadeada pela escassez de energia no país, teve início uma fase difícil. O Rio Fanzine mudou de dia (de domingo para sexta-feira) e de forma (de duas páginas coloridas para uma página em preto e branco). Em janeiro de 2002, passou a circular no mesmo dia, só que dentro do Rio Show, caderno de *O Globo* com foco na programação cultural do Rio. Com a mudança, as pautas, antes relacionadas a

acontecimentos do Brasil e do mundo, passaram a ter que se restringir ao que acontecia na cidade.

Em abril de 2006, foi publicada a primeira matéria online do Rio Fanzine, no blog da seção. Os planos para a web eram muitos, mas o provisório acabou virando o modelo oficial. Seria montada uma equipe para cuidar só do Rio Fanzine na web, mas o projeto não se concretizou. O fim definitivo do espaço aconteceu em abril de 2010, no bojo de um conjunto de mudanças no Segundo Caderno que incluiu a criação da Transcultura. O Rio Fanzine passou a ser publicado apenas no ambiente online, mas aos poucos foi sendo deixado de lado, como mais tarde aconteceria com a própria Transcultura.

Alexandre Matias (2010), que foi colaborador do Rio Fanzine e passou a contribuir com a Transcultura, considera que o espaço ajudou a formar uma consciência de que o jornalismo não precisa lidar necessariamente com o que está sob a atenção de todos, e que é possível fazer jornalismo sem lidar com assessorias de imprensa.

O Segundo Caderno do jornal *O Globo* passou por uma reformulação em maio de 2010, quando ganhou mais páginas, colunistas, novas histórias em quadrinhos e contratou uma nova especialista em Astrologia. A intenção foi expandir o espaço para matérias mais analíticas e independentes, mas só a partir de uma análise específica sobre esse espaço seria possível afirmar se isto de fato aconteceu.

Outra mudança foi a criação de uma seção temática diferente para cada dia da semana. O caderno passou a abrigar, de segunda a sexta-feira, uma seção para artes plásticas, música, artes cênicas (teatro e dança), cinema e cultura alternativa⁷. Transcultura foi o nome escolhido para a seção sobre o último tema. Escrita por um grupo de jovens, daria conta das notícias de um cenário cultural e artístico em constante transformação. Apesar de formada por

diferentes colaboradores, sob a supervisão de Carlos Albuquerque, cada um deles escolhia e produzia pautas individualmente.

A Transcultura, como explica um dos ex-colaboradores, Bruno Natal, seria justamente um legado do Rio Fanzine.

Resumindo bastante, Transcultura abre as portas do jornal para falar de assuntos que você acompanha principalmente na internet (...). É a cultura sob um ângulo atual, em que uma filipeta é uma peça de arte, uma mixtape equivale a um disco, uma tuitada é a frase da semana e público e artista são uma coisa só (NATAL, 2010)

Cada uma das novas seções do Segundo Caderno teria o compromisso de trazer textos críticos, notinhas, bate-papos e “bossinhas” em geral. A periodicidade delas favoreceu uma abordagem interpretativa dos fatos culturais, em detrimento da perspectiva noticiosa geralmente associada ao jornalismo diário.

A página Transcultura, que fazia parte do pacote de inovações do Segundo Caderno, se propôs a ser um exemplo de resposta às mudanças nas formas de produzir, consumir e circular

⁷ Disponível em <http://oglobo.globo.com/cultura/segundo-caderno-estreia-novidades-no-domingo-entre-elascaetano-veloso-como-colunista-novas-3012120>. Acesso em 29 jun. 2015

arte na atualidade. Sua difícil missão: abrir espaço para produções e manifestações artísticas e culturais que ainda permaneceriam à margem da cobertura jornalística do caderno, mesmo com a maior abertura deste, como um todo, a diferentes gêneros, produtos e artistas.

A mudança foi desenvolvida coletivamente pela equipe do Segundo Caderno, com a editora Isabel de Luca à frente. A jornalista sucedia Arthur Xexéo, que havia ficado nove anos no posto. Segundo Carlos Albuquerque⁸, foi de Isabel a ideia da página. Ainda segundo o editor, os textos do caderno de Cultura do *Globo* ficaram maiores, como uma resposta editorial à nova dinâmica do mercado, impactado pelas novas tecnologias e um comportamento diferente do consumidor. Se antes da reformulação os textos do Segundo Caderno eram menores para atender ao padrão estabelecido na web e não cansar o leitor, na reforma eles voltavam a ficar

maiores, com maior contextualização, na tentativa de conferir um diferencial em relação à internet.

A princípio, a intenção era levar o Rio Fanzine de volta para o Segundo Caderno, mas depois a equipe mudou de ideia.

A gente achou que não faria muito sentido (levar o Rio Fanzine de volta ao Segundo Caderno). Porque era uma história já contada e tinha uma outra geração para fazer isso. Não faria sentido eu o Tom fazermos aquilo tudo de novo. Então a ideia surgiu de fazer a Transcultura como uma página que traria um pouco essa herança do Rio Fanzine. (...) não ao pé da letra, tanto que a gente abriu mais um pouco, não tinha tanto, por exemplo, artes plásticas, mas a ideia central, o DNA da Transcultura, tinha lá umas hélices no Rio Fanzine, sempre teve. (ALBUQUERQUE, 2013)

Colaborador da Transcultura, Bruno Natal também escreveu bastante para o Rio Fanzine. Ele fala sobre as semelhanças entre os dois.

Eu não opero muito diferente do que operava na época do Rio Fanzine como colaborador. A única diferença é que agora a coluna leva meu nome também, a do Rio Fanzine não levava, então acho que é uma inspiração muito grande, é uma continuidade também. Eu acho que a Transcultura tem um espectro mais amplo, no que diz respeito às áreas cobertas. O Rio Fanzine era bem focado em música, em cultura alternativa e no Rio de Janeiro, apesar de cobrir outras coisas,

⁸ Carlos Albuquerque foi entrevistado em jul. 2013 na redação do jornal O Globo. Na época era editor da Transcultura.

falar de outras cidades. Eu acho que a Transcultura acaba falando de mais coisa, acaba sendo um pouquinho mais, até por ser feita por mais pessoas. (NATAL, 2013)

O nome da página que sucedeu a do Rio Fanzine, segundo Carlos Albuquerque, surgiu para passar uma ideia de mistura, "transpassamento", entre todas as novas páginas do Segundo Caderno. Ainda segundo o jornalista, enquanto o Rio Fanzine focava na música e abarcava outras áreas alternativas, com alguma frequência, a Transcultura não visava foco específico.

Outra diferença é a importância de cada um dos espaços para os artistas. Carlos Albuquerque reforça que, se antes era fundamental para uma banda aparecer no jornal, esta necessidade deixou de existir. Um bom exemplo, de acordo com ele, são as festas que precisavam sair no Rio Fanzine para fazer sucesso, ou então se contentar com a distribuição de filipetas, enquanto hoje o Facebook se encarrega de divulgar eventos para uma rede de pessoas conectadas.

Produção, linguagem, pautas

O Rio Fanzine era produzido da seguinte forma: o que cada um visse ou ouvisse de interessante era publicado. Não havia reuniões. Já na Transcultura, os quatro colaboradores tinham a liberdade de produzir pautas de acordo com suas preferências e vontades, mas a seleção passava depois pelo crivo de Carlos Albuquerque e da editora do caderno (primeiro Isabel de Luca e depois Fátima Sá, que a sucedeu). Raramente eram sugeridas pautas aos colaboradores.

Os colaboradores que se encarregavam de ir atrás das notícias e conseguir boas fotografias faziam parte de um grupo heterogêneo, cada um com suas preferências. Usamos a palavra colaboradores, em vez de funcionários, porque a equipe não tinha vínculo empregatício com *O Globo* e sequer frequentava a redação do jornal. Tudo era feito à distância, via web. O diploma de jornalista não foi uma exigência para formar o grupo. Ainda segundo Carlos Albuquerque, o que os responsáveis pela

página tinham em mente era formar uma equipe de pessoas com “riquezas culturais” diferentes, que pudessem “somar para fazer uma página legal, dentro do universo alternativo, em várias áreas”.

A linguagem utilizada estaria entre a encontrada em blogs, por exemplo, e as chamadas *hard news*. Não seria tão livre como a dos blogs, a ponto de não necessitar de ganchos ou leads, mas também não teria a mesma rigidez dos textos do resto do jornal. O desafio da Transcultura se tornaria então dar conta das ofertas culturais e ainda se diferenciar do resto do Segundo Caderno e do conteúdo oferecido na internet.

Portanto, por mais que fosse uma página feita por colaboradores não necessariamente jornalistas, seu objetivo se assemelhava ao do próprio jornalismo, no aspecto de ir atrás do furo, ter um gancho. Se diferenciava, no entanto, ao ir em busca de questões fora do foco de atenção dos jornais tradicionais.

Se uma das críticas recorrentes ao Jornalismo Cultural diz respeito à

ausência de cobertura dos processos econômicos e políticos que se relacionam com a cultura, a Transcultura, mesmo inovando com a abertura de espaço a diferentes atores da cadeia, não via isso como uma necessidade. A nova página não estaria propriamente comprometida com reflexões acerca da produção cultural que tornariam seu conteúdo mais denso.

O objetivo era dar conta das novidades e tendências que podem ser mais atraentes para o leitor, no sentido de fazê-lo perceber que aquele veículo poderia mantê-lo informado sobre o que acontecia de mais interessante no setor cultural e artístico, produzido de forma independente ou não, relacionado à cultura pop ou não. Carlos Albuquerque disse acreditar que o fato de o jornal ser “descartável por essência” implica que ele carregue também conteúdos mais fluidos e fáceis de serem assimilados.

Alice Sant'Anna⁹, que colaborou com a página, ajuda a explicar o que configura uma notícia para a Transcultura. Ela levanta a questão de ser o que "habitualmente não sairia no jornal", apesar de concordar com a subjetividade do critério. Como ficou mais difícil definir o que é alternativo com a abertura do Segundo Caderno a diferentes pautas, procura-se então o que é "quente", o que "tem gancho". Contudo, já foram noticiadas informações sem "gancho", como uma série de fotos de um artista estrangeiro que não estava expondo no momento. As fontes de Alice, eram diversas, mas concentradas principalmente no "boca a boca" e na internet. Para Bruno Natal, as pautas acabavam sendo definidas pelo gosto pessoal de cada um.

Eu acabo escrevendo mais de música e cultura digital, que são dois assuntos que eu gosto e conheço melhor e me sinto mais confortável para escrever. (...) escrevo tanto de artista que já é estabelecido e está numa gravadora grande, quanto de artista que nem gravadora tem, no caso de música. No

caso de cultura digital, já escrevi sobre empresas grandes, estabelecidas, mas normalmente escrevo mais sobre comportamento. E as fontes vêm de leitura ao longo da semana, assuntos que vão chegando, conversas com amigos (NATAL, 2013).

Para a ex-colaboradora Carol Luck¹⁰, o fato de *O Globo* ter um público conservador fazia com que os colaboradores precisassem medir suas palavras. O assunto pornografia, por exemplo, era delicado. Uma pauta relacionada a pornografia artística, que inclusive ganhou espaços em meados dos anos 2000 em grandes centros de arte como o Centro Cultural Banco do Brasil, foi barrada na Transcultura. No entanto, uma reportagem de destaque publicada no dia 5 de julho de 2013 apresentava uma série de fotos de travestis seminuas na Lapa.

Como rotina, os colaboradores tinham até terça-feira para enviarem texto e foto para Carlos Albuquerque, junto com o texto para a seção chamada Tchequirau, com dicas da equipe. Nem

⁹ Alice Sant'Ana foi entrevistada via e-mail em jul. 2013; na época era colaboradora da Transcultura.

¹⁰ Carol Luck foi entrevistada via e-mail em jul. 2013, na época era colaboradora da Transcultura.

todos os textos enviados eram publicados – geralmente a página trazia duas matérias, ou seja, metade do enviado, e o resto ia para uma espécie de “gaveta”, acionada em casos de emergência. A coluna era fechada na quarta-feira à noite, com possibilidade de sofrer mudanças na quinta-feira pela manhã, para então ser publicada na sexta-feira.

Notícias e fontes

O primeiro grupo de colaboradores da Transcultura foi formado por pessoas indicadas por Bruno Natal, que já fazia parte da equipe, e pela então editora do Segundo Caderno Isabel De Luca. Eles foram Fabiano Moreira, já premiado por matérias na área de Meio Ambiente, Carol Luck, que tinha cursado graduações de Jornalismo e Filosofia por alguns períodos, e Gregório Duvivier, hoje bastante conhecido principalmente pelo canal humorístico Porta dos Fundos, disponível no Youtube. Duvivier escreveu algumas matérias para a página e depois, pela carga de compromissos profissionais, foi substituído pela

jornalista e escritora Alice Sant'Anna, por sugestão de Isabel De Luca. Carol Luck se desvinculou da página em julho de 2015.

Bruno Natal escrevia mais sobre música e produção cultural; Fabiano se dedicava mais a vida noturna e artes plásticas; Alice abordava principalmente artes visuais e a literatura. A leitura frequente da Transcultura, associada à análise sistemática de quatro edições, entre 14 de junho e 5 de julho de 2013, e também entrevistas com os envolvidos na produção da página, foram a base para as impressões a seguir.

A página geralmente era formada por duas matérias principais, com a possibilidade de uma terceira menor e sem foto. Trazia também as seções Agenda, com a programação de performances, exposições e festas, e Tchequirau, com apontamentos dos colaboradores sobre o que lhes tinha chamado a atenção ao longo da semana, no cenário cultural. A principal fonte para o Tchequirau era a web.

No dia 14 de junho de 2013, foi publicada a matéria “Os irmãos

Lawrence”, de Bruno Natal, com foto de divulgação da banda Disclosure. A banda é formada por dois irmãos, que na época tinham 19 e 22 anos. Eles tinham lançado seis EPs¹¹ e atingido o sucesso no Reino Unido e no exterior, antes mesmo de lançarem o primeiro disco. Este havia sido anunciado no dia 3 de junho de 2013, ou seja, 11 dias antes da publicação da matéria. Natal não analisa o novo disco, mas a trajetória dos dois músicos e o contexto em que a produção musical deles está inserida. Ele cita que o disco foi lançado naquele ano, mas sem falar em data de lançamento. Apresenta uma espécie de definição do som do Disclosure e relaciona seu sucesso nos EUA à explosão do EDM (eletronic dance music) e ao uso de determinadas drogas. A matéria posiciona a Transcultura em um

¹¹Discos mais baratos e curtos, consolidados no exterior há bastante tempo, mas que tinham sido adotados apenas recentemente por artistas brasileiros. Têm entre quatro e cinco faixas e eram vendidos em lojas físicas e virtuais por um preço em torno de R\$ 10. Roberto Carlos, Sandy, Jota Quest estão entre os artistas que já lançaram EPs. A sigla vem de extended play, disco longo para ser single, geralmente com duas faixas, e longo para ser um LP (long play), geralmente com 12 faixas.

contexto mais global, ao tratar de um produto produzido no Reino Unido. O lançamento do disco serviu apenas para criar uma interpretação das tendências na música e no comportamento de uma geração, na contramão das matérias produzidas com o objetivo principal de divulgação. O texto não aborda questões políticas ou econômicas da cultura, nem faz uma relação muito evidente da produção deles com as facilidades da web. A abertura da matéria não segue a receita dos manuais de redação e a única voz presente no texto é a de Bruno Natal, em primeira pessoa.

No mesmo dia, foi publicada uma matéria de Alice Sant’Anna sobre a camuflagem de antenas de operadoras de celulares na Cidade do Cabo e a exposição fotográfica que foi feita sobre o tema. Na década de 1990, conta Alice, companhias de telecomunicações foram desafiadas a encontrar uma solução para a poluição visual provocada pelas antenas. Uma empresa chamada Brolaz criou então espécies de árvores que, na verdade, eram antenas.

A matéria ganhou duas fotos de divulgação da série do fotógrafo sul-africano Dillon Marsh sobre as inusitadas antenas. O texto está em terceira pessoa e traz declarações de Marsh. O título, “A tecnologia que dá em árvore e vira foto”, destaca tanto a série quanto a novidade retratada nela. O primeiro parágrafo foge da receita tradicional de lead e cria um suspense. O texto traz uma narrativa sobre o surgimento inesperado de árvores enormes pela cidade, na tentativa de despertar no leitor a mesma curiosidade que o fotógrafo sentiu.

Curiosas essas árvores altíssimas, chamativas, tão diferentes da flora local. O que elas têm de estranho? Em 1996, uma palmeira pipocou, quase da noite para o dia, na Cidade do Cabo. Era a primeira a ser vista na área, antes que as sementes se espalhassem mundo afora. (O GLOBO, Transcultura, 14 jun. 2013, p. 4)

Só o segundo parágrafo apresenta a exposição de fotos “Invasivespecies”, de 2011, que ficou disponível na web. Alice entrevistou o Marsh por e-mail, e ele explicou as motivações da série de fotografias das árvores falsas. Esta matéria, então, ajudaria a expressar os

problemas globais de nossa época, como indicado por Rivera (1995) para referenciar o bom Jornalismo Cultural.

Na semana seguinte, ganhou destaque, no alto da página, uma matéria de Fabiano Moreira, sobre a dupla de DJs Edinho e Wilson Power, que comemorava 25 anos de parceria e fazia uma análise da programação de casas noturnas do Rio de Janeiro. O texto era acompanhado por uma foto de divulgação e um Top Five das músicas preferidas da dupla e promovia uma espécie de resgate desses DJs e do diálogo que eles estabeleciam com a geração atual.

No dia seguinte à publicação, eles realizariam uma festa pelos 25 anos de carreira. Fabiano conduz a matéria ressaltando que os dois atravessaram duas décadas sem cair nos modismos e fala sobre os planos profissionais, preferências e críticas às festas atuais de cada um deles. A matéria ofereceu uma análise do cenário musical em que os DJs estavam inseridos.

Abaixo, outra matéria de Alice Sant'Anna também estava relacionada ao

Rio de Janeiro. A pauta era o registro fotográfico de um percurso realizado a pé pela cidade, que virou projeto de conclusão no curso de Design da PUC e ganhou exposição num bar/galeria de arte da moda em Botafogo, na Zona Sul da capital fluminense. A matéria era acompanhada de uma foto de divulgação do autor do projeto, com uma montagem de imagens que mostravam apenas pés, pernas e chão. O primeiro parágrafo apresentava uma narrativa aproximada da linguagem da literatura, para em seguida falar que aquilo havia se transformado em trabalho de conclusão de curso. O texto não realiza nenhuma análise evidente, apenas explica as motivações do artista e dá detalhes do trabalho.

Em 28 de junho, a Transcultura teve três matérias. Se destacava a de Bruno Natal, "Opala nas Ruas", sobre uma dupla de artistas que lançava novo EP e faria o primeiro show no mesmo bar/galeria onde estava a exposição do aluno da PUC, o Comuna. Com duas fotos de divulgação e declaração dos dois artistas, apresentava a banda, projetos

similares e influências. Bruno abria espaço para um projeto ainda não consolidado e indicava a dupla como promessa da geração 2010.

A outra era de Fabiano Moreira, sobre a exposição de um designer inspirada em temas urbanos. O texto veio acompanhado por duas fotos, também de divulgação, e carregava uma linguagem bem próxima à dos blogs, em primeira pessoa, inclusive. A exposição de cartazes "bacaninhas" com frases de Raul Seixas ganhava exposição no Vidigal, favela do Rio de Janeiro que tinha se tornado um point da classe média alta carioca e de turistas.

O texto incluiu declarações do artista, sobre a trajetória do projeto. Os cartazes em questão acabavam fazendo um link com o momento que a cidade passava naquele mês, com a explosão de protestos com diferentes pautas, como a luta contra a violência policial, a criminalização da pobreza e o aumento do valor das passagens de ônibus. Um dos cartazes reproduzidos na matéria,

intitulado “Rio Maravilha”, tinha este título impresso em uma caveira.

A terceira matéria do dia era assinada por Alice Sant’Anna, sem foto, sobre uma rede social lançada em Amsterdam para troca de refeições entre vizinhos. Um casal havia criado a Shareyourmeal, site que possibilita que vizinhos vendam refeições, entre si, de acordo com a disponibilidade e interesse de cada um. Alice explicava a extensão do projeto no mundo, inclusive no Rio de Janeiro. Com razoável esforço de apuração, a matéria promoveu uma abertura à apresentação de respostas criativas ao cotidiano.

Na edição do dia 5 de julho, estava em destaque uma matéria de Alice Sant’Anna sobre um ensaio fotográfico com travestis que trabalham e moram na Lapa. O texto era acompanhado de cinco fotos. O primeiro parágrafo, mais uma vez, aproximava o texto jornalístico à literatura, contando a trajetória da fotógrafa na casa das travestis. A fotógrafa tem voz no texto, apresenta suas influências e debate assuntos como

o envolvimento com o objeto da fotografia. Embaixo, uma matéria de Bruno Natal, sobre um documentário inspirado no estilo musical Emo, promovia um debate sobre a construção de rótulos no cenário musical, com declarações do diretor do filme.

A análise das notícias ajudou a mostrar o caráter heterogêneo da página e uma espécie de vocação para apontar tendências e novidades no mundo da cultura digital e artística, com espaço para alguma análise e reflexão sobre movimentos artísticos e culturais relacionados a uma conjuntura global ou regional.

De acordo com Bruno Natal, a seção recebia pouquíssimos e-mails de assessorias de imprensa, que, quando chegavam, não ganhavam muita atenção. Já Alice disse que aceitava sugestões de assessores “muito raramente”. A ferramenta de apuração mais utilizada era a internet, principalmente quando a pauta tratava de assuntos ou artistas estrangeiros. Outra fonte de pautas, segundo Alice Sant’ana, era a rede de



ISSN nº 2526-8031

Vol. 2, n. 1, Jan-Abr. 2018

contatos pessoais: o que amigos e amigos de amigos descobriam de interessante no cenário cultural.

Em setembro de 2015, ocorreu uma fusão do Segundo Caderno com outros cadernos de entretenimento do jornal, o Prosa, suplemento de sábado, e a Revista da TV, veiculada aos domingos, que deixaram de ser cadernos autônomos. Com esta mudança, a Transcultura chegou ao fim, com a promessa de ser substituída por reportagens e críticas de assuntos não noticiados nos meios tradicionais.

Considerações finais

Ao abordar fenômenos e produtos culturais fora do foco de atenção do Jornalismo Cultural diário dos grandes veículos, a Transcultura contribuiu para abrir espaço para a cultura alternativa na cena cultural. Neste ponto, seguiu o legado do Rio Fanzine de forma eficaz.

Se o trunfo do Rio Fanzine era trazer à luz informações sobre um universo cultural sobre o qual era difícil se informar, nos anos 1980, com a

Transcultura o cenário foi outro. As informações passaram a ficar disponíveis, em diferentes canais. Coube ao grupo selecionado de jornalistas da página fazer um recorte qualificado do universo em ascensão da cultura underground. O produto precisava ao mesmo tempo se diferenciar do jornalismo impresso diário que o abriga e dos canais informativos existentes na internet.

Não se pode perder de vista que a página foi um produto voltado para uma produção não hegemônica no campo da cultura, mas que fazia parte de um veículo hegemônico. Uma análise de suas reportagens, amparada por bibliografia crítica sobre o jornalismo cultural e associada a entrevistas mostra que a página se equilibrou entre o inovador e o tradicional, mas conseguiu estar mais perto da inovação do que da tradição.

Os assuntos trazidos à tona nos dias analisados ajudam a entender o que é cultura alternativa para a Transcultura: o lançamento de um EP ou LP, que gerava discussões na página, documentários em exibição na TV, a programação de DJs

para festas de sucesso entre o público jovem e uma exposição de fotos na web ou em espaços físicos mais conhecidos pelo mercado independente (e não em grandes museus e centros culturais).

Nem todas as matérias veiculadas seguiam o formato jornalístico mais convencional (de lead, pirâmide invertida e narrativa em terceira pessoa, por exemplo). A linguagem ficava em um limiar entre a jornalística e a linguagem mais livre do blog, com jornalistas escrevendo por vezes em primeira pessoa, como se a página fosse uma coluna.

Dois méritos da Transcultura, para além do cumprimento do objetivo principal de abrir espaço para o alternativo, foram escapar da influência excessiva das assessorias de imprensa e, talvez como consequência disso, da homogeneidade temática da grande imprensa. Os colaboradores também conseguiram fugir da armadilha de fazer da página um espaço meramente opinativo. A opinião dos integrantes se fez presente em muitos textos, mas a

produção de reportagem se manteve relevante. As redes sociais e a internet foram fontes importantes, mas o veículo não se limitou a repercutir o que fez sucesso na web, no universo cultural alternativo. Conseguiu, portanto, se diferenciar do colunismo e da produção da maior parte dos blogs – onde o foco está na opinião.

Apesar de ter tido algumas matérias mais analíticas, a Transcultura muitas vezes se baseava em ganchos temporais, como lançamentos ou aniversários. Como faz parte de um jornal diário, influenciado pelas pressões do tempo, não deixou de ser contagiada pelo que Cunha, Ferreira e Magalhães (2002) chamaram de aspecto imediatista da produção jornalística, que acaba deixando de lado os processos políticos e econômicos da cultura. Somemos a isso o caráter de simplificação da linguagem jornalística, que busca ser entendida por pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais.

Em termos temáticos, música e artes plásticas se sobressaíam a outros

assuntos, assim como eventos e fenômenos do Rio de Janeiro. Se por um lado havia grande liberdade temática, por outro o espaço ficava condicionado ao interesse dos colaboradores. Embora ser jornalista não tenha sido uma condição para se tornar colaborador, aspectos como a busca do furo e do gancho foram valorizados.

Retomando uma questão central: é possível representar o periférico de modo plural num veículo hegemônico? Raymond Williams (1979) nos ajuda a refletir. Para ele, a cultura dominante produz e limita, ao mesmo tempo, suas próprias formas de contracultura (WILLIAMS, 1979, p. 117). Por outro lado, não cabe ignorar obras e ideias que são claramente afetadas por limites e pressões hegemônicas, mas que representam rompimentos significativos, se mostram independentes e originais, como foi o caso da Transcultura.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALBUQUERQUE, Carlos; LEÃO, Tom. **Rio Fanzine**: 18 anos de cultura alternativa. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CUNHA, Leonardo Antunes; FERREIRA, Nísio Antônio; e MAGALHÃES, Luiz Henrique. Dilemas do jornalismo cultural brasileiro. **Temas: Ensaios de Comunicação**, n. 1, v. 1, ago./dez. 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-ferreira-magalhaes-dilemas-dojornalismo.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2012.

MATIAS, Alexandre. **O fim do Rio Fanzine**. Disponível em Trabalho Sujo. O Esquema: <http://www.oesquema.com.br/trabalhosujoo/2010/09/10/o-fim-do-rio-fanzine.htm>. (10 de Outubro de 2010), Acesso em: 8 dez. 2012.

NATAL, Bruno. **Transcultura #001 (O Globo): Mixtapes, skate em Uganda. URBe**. (14 de maio de 2010). Disponível em: <http://www.oesquema.com.br/urbe/2010/05/14/transcultura-001-oglobo.htm>. Acesso em: 8 dez. 2012.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2009.

SEGURA, Aylton; GOLIN, Cida; ALZAMORA, Geani. O que é jornalismo

cultural. In: **I. Cultural, Mapeamento: o ensino de jornalismo cultural no Brasil em 2008**: carteira professor de graduação (pp. 71-80). São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

SANT'ANNA, Alice. Entrevista por e-mail concedida a Pamela Mascarenhas. Rio de Janeiro, 18 jul. 2013.

SIQUEIRA, Denise; SIQUEIRA, Euler David. A cultura no jornalismo cultural. **Lumina** - Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, jun. 2007.

SOUZA, Juliana. **Rio Fanzine: 25 anos de Jornalismo Cultural e Alternativo, Impresso e Online**. 115 f. Monografia (Graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2013.

TUBAU, Ivan. **Teoria y practica del periodismo cultural**. Barcelona: A.T.E. Fontes, 1982.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ENTREVISTAS

ALBUQUERQUE, Carlos. Entrevista concedida a Pamela Mascarenhas na redação do jornal O Globo. Rio de Janeiro, 15 jul. 2013.

LUCK, Caroline. Entrevista via e-mail concedida a Pamela Mascarenhas. Rio de Janeiro, 31 jul. 2013.

NATAL, Bruno. Entrevista em áudio concedida a Pamela Mascarenhas. Rio de Janeiro, 15 jul. 2013.